



Escola Bíblica Dominical

LIÇÃO 20

Ministério multiplicador e fé elementarⁱ

Texto-base: Mt 14-15

Às vezes nos esquecemos de que a maneira como os primeiros discípulos chegaram a fé não é exatamente a maneira que as pessoas chegam a fé hoje. Uma pessoa que chega a fé genuína no Senhor Jesus Cristo hoje já aceitou a ressurreição de Jesus Cristo e a descida do Espírito – dois eventos significativos na história da redenção. Ao tomar os primeiros passos para o arrependimento e para a fé tal pessoa deve ter se debatido com questões sobre sua própria pecaminosidade, lutado com a veracidade ou não de Jesus ter sido levantado dos mortos, hesitado diante da maravilhosa doutrina da graça mostrada de forma tão plena na cruz. Contudo, todos esses passos são necessariamente diferentes daqueles dados pelos presumidos discípulos antes da cruz, antes da ressurreição, e antes do Pentecoste.

Por essa razão, quando falamos sobre a fé elementar dos primeiros discípulos, temos que nos lembrar de que a fé embrionária deles não era exatamente igual à fé elementar dos novos crentes de hoje. A fé elementar ou rudimentar moderna é inexperiente devido ela ser ainda imatura, não testada, não bem informada, jovem; mas a fé elementar dos discípulos de Jesus durante os dias do Seu ministério multiplicador também foi ocasionada pela inabilidade deles de perceber que espécie de messias Jesus seria. Para crescer de forma realmente robusta e forte, a fé deles precisava não somente de provação, tempo, encorajamento, informação, e outros tipos de coisas que fortalecem nossa fé hoje – mas ela também precisava que os maiores eventos na história da salvação acontecessem!

É por essa razão que as histórias sobre fé e incredulidade nos Evangelhos nunca podem ser aplicadas corretamente a nós hoje de forma descuidada, impensada, ou superficial. Existem, é claro, muitas coisas importantes para se aprender desses relatos; mas, no todo, eles esclarecem mais a natureza do messianismo de Jesus do que os problemas de se chegar a fé. Sua principal preocupação está em focalizar a atenção sobre Jesus, e não em estabelecer um perfil psicológico de pessoas que chegam à fé em qualquer época. E isso, é claro, é como deveria ser.

Ponto e contraponto

Às vezes um romancista ou um historiador enfatiza pontos extremamente importantes justapondo os extremos: uma cena de morte num campo de batalha pode ser seguida por um relato do comerciante de armas vivendo no luxo, que é seguido por sua vez pelo sacrifício heroico de alguma viúva menosprezada, e assim por diante. A música e a pintura ocasionalmente usam a mesma técnica; pois contrastes de consciência própria às vezes nos ajudam a perceber profundidades e relacionamentos que de outra forma teríamos deixado passar despercebido.

Assim é nestes capítulos. Mateus começou narrando o relato horrível da morte de João Batista. Assim como João Batista foi prefigurado por Elias, assim também seu inimigo mais amargo era um rei fraco e mau, manipulado por uma esposa forte e ímpia; Herodes e Herodias são duplicatas adequadas de Acabe e Jezabel. A história de como João morreu explica a consciência maculada e supersticiosa de Herodes (Mateus 14:1,2). Junto a este relato de um banquete que virou uma execução selvagem, Mateus justapôs a compaixão de Jesus pelos doentes e famintos (14:13-21). Neste caso a clara necessidade deles resultou na provisão sobrenatural, o suficiente e com sobras.

Na seção seguinte, o milagre de Jesus de andar sobre a água foi recebido primeiramente com medo (14:26) e depois com dúvida (14:31); mesmo assim Seu ministério de cura poderosa prosseguiu sem diminuir (14:35,36). Esta obra maravilhosa, longe de criar gratidão entre os líderes religiosos, despertou criticismo e censura baseado em uma tradição¹ teológica que silenciava efetivamente as exigências radicais das Escrituras (15:1-20). Até mesmo os discípulos de Jesus precisavam ter as verdades elementares explicadas para eles (15:15,16)!

Ainda, ironicamente, mesmo que Jesus tenha sido enviado em primeiro lugar “às ovelhas perdidas da casa de Israel”, Ele encontrou fé maior numa mulher gentia (15:24,28). E é a alimentação dos quatro mil gentios no lado leste da Galileia que resultou na adoração espontânea ao “Deus de Israel” (15:31). Enquanto isso, os fariseus e saduceus, líderes judaicos proeminentes, ainda estavam mais interessados em banalizar os milagres de Jesus (16:1-4; veja também 12:38-45) do que em discernir o que esses milagres podiam ter significado. Até mesmo os discípulos, em

¹ As tradições dos líderes religiosos (Mt 15.3,6; cf. tb Mc 7.8,9,13 e Gl 1.14) referem-se ao grande corpo de ensinamento oral que comentava a lei e a interpretava em regras de condutas minuciosas, com frequência registrando a opinião divergente de rabis rivais. Na época de Jesus, essa tradição era amplamente oral e transmitida oralmente; mas os fariseus entendiam que ela tinha autoridade quase igual à do cânon, ou seja, à própria lei. Depois essa tradição veio a ser codificada para formar a *Mishna*. Um tratado inteiro da *Mishna*, *Yadaim*, lida com “mãos”, especificando detalhes como quanto de água deve ser usada para realizar uma purificação cerimonial eficaz: por exemplo, “se o homem derrama água em uma mão com uma única enxaguada, sua mão está limpa; mas se derrama água sobre as duas mãos em uma única enxaguada, R. Meier declara-as impuras, a menos que ele derrame sobre elas um quarto, ou mais, de um sextário de água”.

conformidade com sua fé e compreensão limitadas, se mostravam lamentavelmente lentos (16:5-12).

Ponto, contraponto. A trama continua, cada contraste fazendo Jesus se destacar mais e mais claramente, e já conduzindo à suprema confrontação que resultaria na cruz.

Embora os contrastes sejam em si mesmo importantes, também precisamos ver os temas individuais de maneira mais clara. Focalizaremos nesta lição o ministério multiplicador de Jesus e depois a fé elementar dos discípulos; na próxima lição veremos como os dois temas se unem no decorrer da última metade de Mateus, capítulo 16 (vv. 13-28).

Ministério multiplicador

Superficialmente, esses capítulos oferecem, quanto ao ministério de Jesus, mais do mesmo teor: há mais cura (14:14; 15:30,31), mais confrontação (15:1-20; 16:1-4), mais ensino, especialmente para os discípulos. Existe também uma breve menção da vida de oração privativa de Jesus (14:23) – algo que Lucas enfatizou muito mais que Mateus. E existem ainda as multidões. Nenhum desses elementos é sem importância, pois cada um mostra a intensidade do ministério de Jesus, até que ponto Ele Se tornou conhecido e foi ouvido na Sua própria terra e entre Seu próprio povo.

Mas além desses aspectos, vários outros elementos nesses capítulos testificam o modo como o ministério de Jesus desenvolveu e se multiplicou neste estágio.

Primeiro, existem dois milagres de alimentação (14:13-21; 15:29-39). Esses milagres demonstram tão claramente como Suas curas, porém de uma forma revigorante, a preocupação de Jesus pela pessoa como um todo; e por esta razão eles servem como uma prelibação do banquete messiânico (8:1) quando todo o povo do Messias experimentará abundância e nunca conhecerá a escassez outra vez. Aliás, é digna de nota a justaposição de dois banquetes em Mateus 14: o de Herodes, que termina com uma morte, e o de Jesus, que termina com a provisão.

E esses milagres não são apenas exemplo da compaixão de Jesus, mas também uma metáfora de como os discípulos serão aqueles por meio de quem Jesus operará. Toda a cena mostra Jesus provendo alimento para a multidão por intermédio de seus discípulos: Jesus é quem supre as necessidades básicas do povo, mas os discípulos são os agentes da distribuição. Os discípulos – e depois a igreja –, por intermédio de Jesus, serão os portadores da provisão de Deus no evangelho para o mundo, para a multidão de famintos no deserto.

Além disso, como o andar na água que seguiu o primeiro milagre de alimentação de Jesus, ambos pertencem a um pequeno grupo de milagres da natureza – exibições espetaculares do poder messiânico que demonstram a autoridade de Jesus sobre o mundo natural.

Segundo, existe a extensão do ministério de Jesus aos gentios. Em certo sentido, é claro, isso não é nada novo. Já notamos de que forma passagens como 8:5-13 continuam o tema da inclusão dos gentios, traçado anteriormente (1:1; 2:1-12; 3:9; 4:15,16).

Contudo em 8:5-13, por exemplo, o centurião a quem Jesus elogiou estava vivendo em território judaico, e ele era até um certo ponto simpatizante da religião judaica. A cura da mulher cananeia (15:21-28) é um tanto diferente. Ela aconteceu fora do território judaico. Além do mais, embora Jesus tivesse rejeitado seu pedido de ajuda quando ela se dirigiu a Ele como Filho de Davi - afinal de contas, ela estava se dirigindo a Ele como se ela mesma pertencesse ao povo do velho pacto - sua pronta aceitação da resposta do Senhor, seu clamor simples por ajuda, e sua compreensão de que os gentios tinham que ser alimentados após os filhos de Israel terem recebido sua comida espiritual (15:25-27) tudo combinou para que ela conseguisse a cura que estava buscando.

A inclusão de Mateus do segundo milagre de alimentação não é menos significativo, pois isto sugere que ele estava cuidadosamente decidido a incluir uma alimentação dos gentios (o que a segunda foi) para se equiparar com a alimentação dos judeus. Até mesmo a diferença no número de cestos das sobras pode levar a atenção do leitor ao mesmo ponto. Num livro que enfatiza 12 discípulos (10:1), 12 tribos e 12 tronos (19:28), os 12 cestos de 14:20 sugerem que a provisão do Messias é tão profusa que mesmo as sobras da Sua provisão são o suficiente para satisfazerem as necessidades do povo do pacto.

As sete cestas de 15:37 sugerem algo semelhante; mas agora as 12, que inevitavelmente trazem a mente o povo judaico, são substituídas pelas sete, sugerindo abundância ou completude. A provisão abundante do Messias é tão profusa que mesmo a superabundância da Sua provisão é suficiente para satisfazer as necessidades de todas as pessoas em todos os lugares.

E, terceiro, Jesus continuou a demonstrar sabedoria extraordinária no Seu ensino, nas Suas confrontações com Seus oponentes, e no Seu treinamento dos doze discípulos. Isso culminou na confissão de Pedro (16:13-20) e na primeira menção sem ambiguidade de Jesus sobre Sua iminente morte sacrificial e sua importância para aqueles que O seguem (16:21-28). Esse foi um passo dramático no ministério de Jesus. Olharemos para isso mais de perto na próxima lição; por ora pensaremos um pouco em como andava a fé dos discípulos.

Fé elementar

Durante todo esse período do ministério de Jesus tanto a compreensão dos discípulos como sua fé estavam misturadas. Isto se devia em parte, como vimos, ao lugar que eles ocupavam na revelação do plano de redenção de Deus. Contudo se não tivesse sido pelo pecado e preconceito e tradicionalismo que une todos nós, eles teriam compreendido e crido muito mais. Noutras palavras, embora o lugar deles no fluxo da história tenha tornado a compreensão e a fé mais difícil para eles do que para nós, isso não os isenta de toda responsabilidade.

Essa foi certamente a avaliação de Jesus. Considere por exemplo Sua avaliação do que eles deveriam ter aprendido dos dois milagres quando alimentou as multidões. Após o primeiro, os discípulos partiram para atravessar o Mar da Galileia e foram ameaçados por uma severa tempestade. Após o choque inicial, Pedro recebeu o convite de Jesus para se juntar a Ele. Mas a fé de Pedro, forte o suficiente para tirá-lo do barco e colocá-lo sobre a água, não foi forte o suficiente para enfrentar a ventania. Jesus o salvou – e repreendeu-o por sua dúvida (14:30,31). A pressuposição parece ser que se Pedro tinha testemunhado dois milagres da natureza - a alimentação dos cinco mil e a caminhada de Jesus sobre a água - por que deveria ele de repente ser tomado pelo medo naquele momento?

Mais surpreendente ainda, mesmo após o segundo milagre de alimentação, Jesus achou necessário repreender todo o grupo de discípulos. É-nos dito que os discípulos se esqueceram de levar alguns pães com eles numa de suas viagens através do lago (16:5). Mas aconteceu que nesta ocasião Jesus, ainda pensando na dureza do coração dos líderes religiosos (16:1-4), precaveu Seus discípulos para se acautelarem “do fermento dos fariseus e dos saduceus” (16:6) - significando, é claro, o ensino deles que no seu tratamento de Jesus estava permeando e influenciando a nação como o fermento permeia e influencia o pão.

Mas os discípulos ligaram a advertência de Jesus com seu próprio esquecimento - a falha deles em trazer comida - e concluíram que Jesus devia estar dando esta repreensão velada “porque não trouxemos pão” (16:7). Foi isso que mereceu a verdadeira repreensão de Jesus: “Por que arrazoais entre vós por não terdes pão, homens de pouca fé? Não compreendeis ainda, nem vos lembrais dos cinco pães para os cinco mil, e de quantos cestos levantastes? Nem dos sete pães para os quatro mil, e de quantas alcofas levantastes?...Mas guardai-vos do fermento dos fariseus e dos saduceus.” (16:8b-11).

Em resumo, Jesus deu-lhes uma repreensão por causa da sua pequena fé e sua compreensão inadequada, não com base no que eles deveriam ter antecipado dos eventos futuros como a cruz e a ressurreição, mas daquilo que eles já deveriam ter compreendido dos dois milagres da multiplicação dos pães. Se eles tivessem

compreendido verdadeiramente as demonstrações espetaculares de poder que Ele estava demonstrando naqueles milagres, como poderiam eles pensar seriamente que Ele ficaria terrivelmente contrariado por eles terem esquecido um pouco de pão? Não poderia Aquele que alimentou muitos milhares encontrar uma maneira de alimentar uma dúzia? E não deveriam eles confiar na Sua bondade para com eles, tendo-a visto ser derramada tão profusamente sobre os outros?

Esta lentidão espiritual era característica dos discípulos naquele momento, como o próprio Jesus sugeriu num certo ponto nesses capítulos (15:16). Isso não quer dizer que eles não tinham nenhuma fé, nenhuma compreensão, e sim, que aquela que tinham era parcial, imatura, e misturada com uma certa quantidade de egoísmo inflexível. Em nenhum momento a natureza essencialmente elementar da fé deles veio à superfície mais claramente do que na última parte do capítulo 16. Mas isso é assunto para a próxima aula!

ⁱ Esta lição foi extraída dos livros: **Deus conosco**, de D. A. Carson (Editora PES); **O comentário de Mateus**, de D. A. Carson (Shedd Publicações); e **Jesus segundo as Escrituras**, de Darrell L. Bock (Shedd Publicações).